

GT3 - Perspectivas fluidas das cidades

Da cidade fraturada à cidade imaginada

Doutorando Aldene Rocha (CAp-UERJ - PPGArtes-UERJ)

RESUMO

A pesquisa problematiza o conceito de olhar fotográfico sobre a construção de um certo imaginário de cidade, especificamente, o Rio de Janeiro. Nesse sentido, torna-se fundamental investigar o olhar fotográfico a partir de suas dimensões de criação de imaginários afrobrasileiros e de sua capacidade potencial para instigar processos de reestruturação desse espaço. Trata-se, portanto, de discussões que possam privilegiar outras memórias, sobretudo de uma cidade malandra existente no Rio de Janeiro. O suporte para as discussões se dará por meio de propostas visuais que atravessem a fotografia como uma imagem gerada para além do dispositivo. Ela aqui permeia processos híbridos entre fotografia, escultura e intervenção que restituem o conceito de “cruzo” visualmente, encruzilhar linguagens para intuir conceitos malandros. Sendo utilizado como elemento articulador para a construção das discussões e imagens e a figura de Seu Zé Pilintra, guia espiritual existente na Umbanda

Palavras-chave: (Encruzilhar; ginga; olhar fotográfico; cidade.)

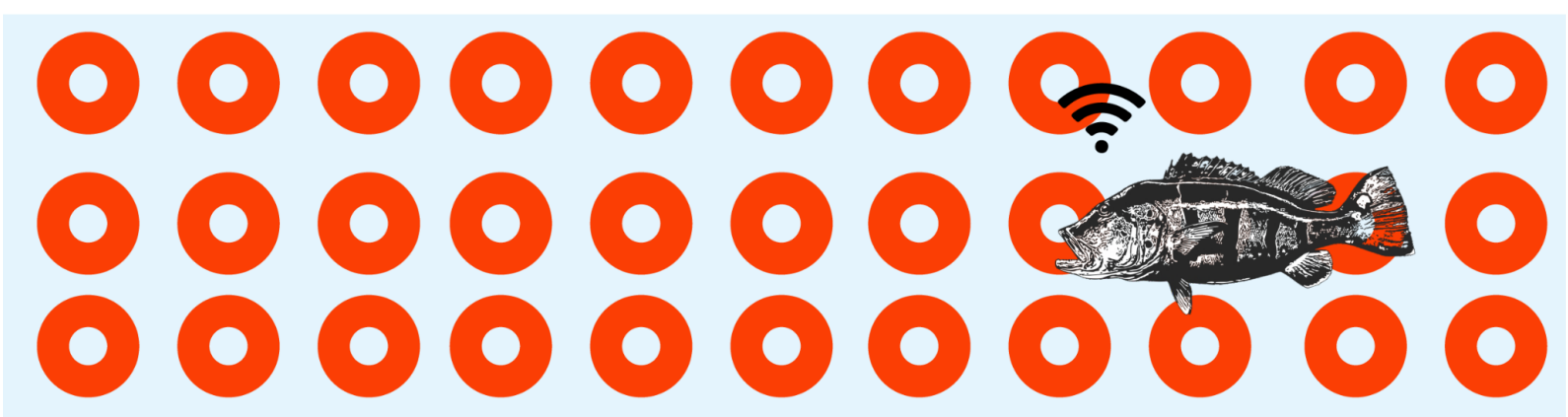
ABSTRACT

This research problematizes the concept of a photographic gaze on the construction of a certain city imaginary, specifically, Rio de Janeiro. In this sense, it is essential to investigate the photographic gaze from its dimensions of creation of Afro-Brazilian imaginaries and its potential capacity to instigate restructuring processes of this space. It is, therefore, discussions that may favor other memories, especially of a roguish city in Rio de Janeiro. Support for the discussions will be provided through visual proposals that cross photography as an image generated beyond the device. Here, it permeates hybrid processes between photography, sculpture and intervention that visually restore the concept of “cross”, crossing languages to intuit rogue concepts. Being used as an articulating element for the construction of discussions and images and the figure of Seu Zé Pilintra, spiritual guide existing in Umbanda.

Keywords: Crossroads; ginga; photographic gaze; city.

INTRODUÇÃO

A fotografia é uma forma de expressão visual que tem o poder de cativar, emocionar e transmitir mensagens poderosas. E no cerne desta arte, que encontramos o elemento essencial: o olhar. O olhar é o que molda e transforma uma simples imagem em uma obra-prima visual, algo para ser admirado ou excluído. É através deste olhar que a essência de um momento é capturado, preservado e compartilhado com as pessoas. O olhar sobre as coisas é mais do que apenas a



capacidade física de enxergar, é a habilidade que vai além do que está sendo visto à nossa frente. Nada mais do que a sensibilidade, a intuição e a perspicácia do olhar que permite que se veja além das aparências e penetre na alma de seu objeto. Como tratado por John Berger,

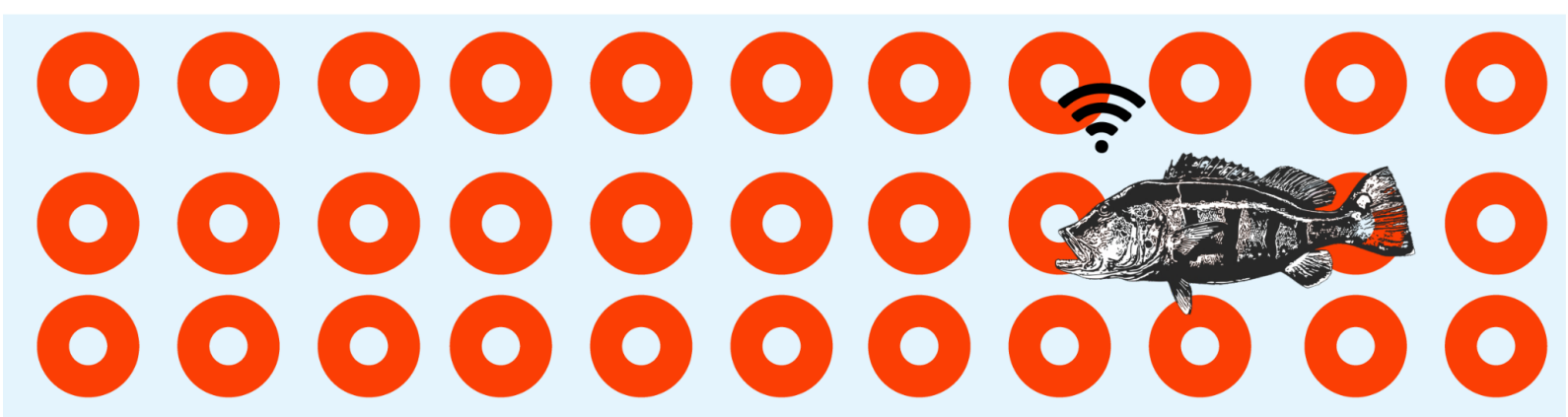
“Só vemos aquilo que olhamos. Olhar é um ato de escolha. Como resultado dessa escolha, aquilo que vemos é trazido para o âmbito do nosso alcance - ainda que não necessária mente ao alcance da mão. Tocar alguma coisa é situar-se em relação a ela. Nunca olharmos para uma coisa apenas; estamos sempre olhando para a relação entre as coisas e nós mesmos.” (BERGER, 2023, p.10)

Esta relação íntima entre as coisas coloca o fotógrafo se relacionando diretamente com o mundo ao seu redor, onde ele consegue extrair detalhes, mesmo nas situações mais cotidianas. Quando falamos em olhar fotográfico, a composição visual, o enquadramento e a escolha do ponto de vista são meios técnicos que auxiliam na produção destas imagens. É a forma como o fotógrafo organiza os elementos, equilibrando luz, sombra, cores e texturas que o ajudam a transmitir uma mensagem.

É a capacidade de ver padrões, linhas e formas no cotidiano que resultam em uma imagem esteticamente interessante.

“Uma imagem é uma cena que foi recriada ou reproduzida. É uma aparência, ou um conjunto de aparências, destacada do lugar e do tempo em que primeiro fez sua aparição e a preservou - por alguns momentos ou séculos. Toda imagem incorpora uma forma de ver. Mesmo uma fotografia. Porque as fotografias não são, como se presume frequentemente, um registro mecânico.” (BERGER, 2023, p.11)

No entanto, o olhar na fotografia vai além do aspecto técnico. É uma expressão pessoal, uma interpretação única do mundo ao redor. Duas pessoas estando no mesmo local, com as mesmas condições de luz e os mesmos objetos, podem construir imagens distintas, pois seus olhares são diferentes. Cada pessoa traz consigo suas experiências, emoções e perspectivas individuais, o que acaba por refletir nas opções visuais e reproduz nas imagens o que eles capturaram. O olhar fotográfico desafia o espectador a olhar além da superfície e o força a perceber o recorte do fotógrafo como uma opinião formada sobre aquele momento.

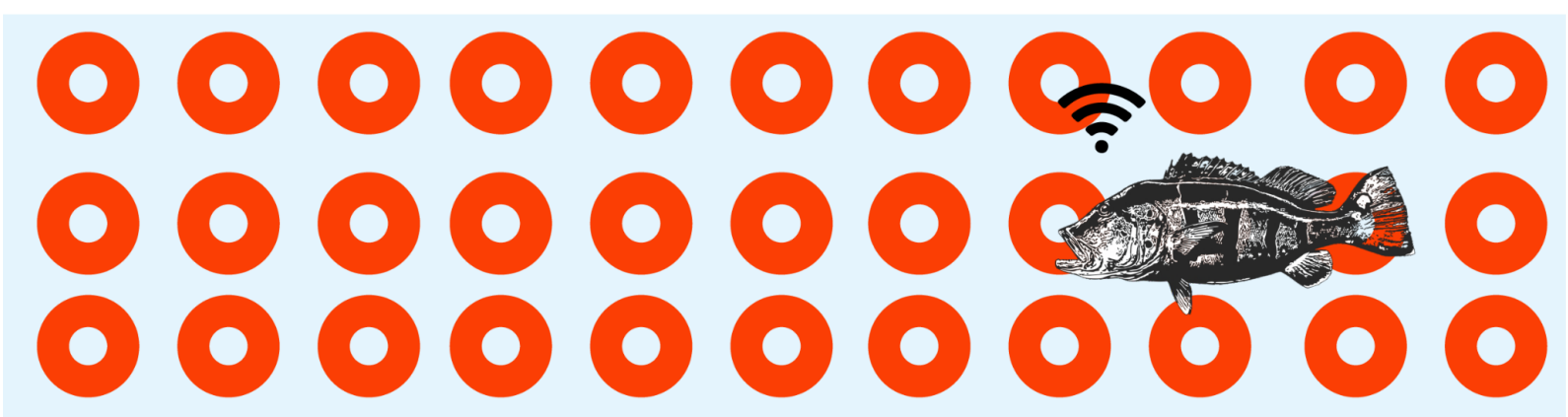


Nisso, se pensarmos nos temas mais comuns e caros à fotografia, a rua se torna um palco dinâmico, onde o registro da vida se desenrola diante dos olhos do espectador de forma espontânea. É um ambiente rico em contrastes, ambivalências, expressões e em momentos que podem ser registrados pelo fotógrafo. Nesse contexto, o olhar fotográfico sobre a cidade transforma e revela a essência da condição humana. O fotógrafo de rua é o observador alerta, um caçador da vida urbana no fluxo incessante da cidade, da rua e das vielas. Seu olhar identifica histórias significativas em meio ao caos como um contador se propõe a relatar um caso antigo ou folclórico. O fotógrafo de rua busca constantemente histórias, estrutura composições visuais, traz no olhar a interação humana e particulariza a vida contando as miudezas da cidade. É um olhar treinado para enxergar além do que está posto, do óbvio do cotidiano, captura uma poesia visual do efêmero e revela o extraordinário na vida ordinária. O fotógrafo desenvolve seu olhar como uma forma de cuidado com o entorno e intenta antecipar sem surpresa o acaso.

Ao olhar as imagens feitas pelos fotógrafos, nos tornamos visitantes do acaso, somos transformados em espectadores com opiniões descritas e mergulhamos na atmosfera vibrante e multifacetada das vias e ruelas de uma cidade. As imagens das cidades nos transportam para cenários diversos, marginais ou centrais, com personagens que nos colocam ao fascínio de suas histórias e apresenta uma reflexão sobre como a vida urbana permite a complexidade sob as particularidades do cotidiano. As imagens evocam um sensação de familiaridade e de estranheza, nos desperta empatia e repulsa, nos suscita questionamentos sobre os personagens e as situações em que se encontram. Nos coloca como espectadores que apreciam a beleza do cotidiano e suas desigualdades. Assim,

Cada vez que olhamos uma fotografia estamos cientes, por mais superficialmente que seja, do fotógrafo selecionado aquela cena entre uma infinidade de outras possíveis. Isso é verdadeiro mesmo em se tratando do instantâneo familiar mais informal. O modo de ver do fotógrafo é reconstituído pelas marcas que ele faz na tela ou papel. Contudo, embora toda imagem incorpore uma maneira de ver, nossa percepção ou apreciação de uma imagem depende também de nosso próprio modo de ver. (BERGER, 2023, p.12)

A cidade é um universo. Reflete estímulos visuais e sensoriais, histórias de busca e de inspiração. Sendo, para nosso entendimento, um cenário urbano latente, passamos a distinguir observadores importantes para o olhar da cidade, entre eles o historicamente pesquisado, aquele



que chamamos de flâneur. O flâneur é um termo que remonta ao século XIX, cunhado pelo escritor francês Charles Baudelaire. Aqui, elucidaremos através do pensamento de Walter Benjamin sob o olhar que encontra ao descrever o flâneur baudelairiano, onde, “o flâneur ainda está no limiar tanto da cidade grande quanto da classe burguesa. Nenhuma delas ainda o subjuguou.” (BENJAMIN, 2022, p.39). Benjamin compreende em Baudelaire a descrição de um indivíduo que caminha pela cidade, destacando ser uma vida urbana parisiense do século XIX, sem rumo, onde absorve o sua atmosfera da vida e dos momentos, e, observa atentamente tudo ao seu redor com um frescor sobre o que é novo. O flâneur baudelairiano se move pela curiosidade, contempla o acaso e busca experiências sensoriais dentro da cidade.

Ele é um espectador da vida urbana, alheio à pressa das fábricas e do mercado, despreza as obrigações do cotidiano maquinal através das imagens que encontra. O fotógrafo, assim como o flâneur baudelairiano, busca detalhes, miudezas despercebidas com a diferente necessidade de registrar e capturar a atmosfera das coisas. Sem deixar de destacar a sua qualidade fotográfica como um estatuto, dado que

O fotógrafo de fato ambicioso habitualmente faz questão de deixar claro que essa visualização permissiva deve ser bastante rigorosa. “A fotografia não é acidente – mas sim conceito”, insiste Ansel Adams. [...] A necessidade de justificar a atividade fotográfica tem quase sempre impedido que se admita que a prática de tirar vários negativos de um mesmo assunto, principalmente se realizada por um fotógrafo de muita experiência, pode propiciar resultados perfeitamente satisfatórios. Contudo, apesar de sua relutância em admiti-lo, a maioria do fotógrafos sempre depositou – e com razão – confiança quase supersticiosa no acaso bem-sucedido. (SONTAG, 1985, p.113).

O flâneur e o fotógrafo compartilham este ponto em comum, o olhar atento sobre o acaso e a vontade de estar em conexão íntima com a cidade. Compartilham a busca pelo que pode ser de maior essência da cidade, em que cada um traz consigo uma abordagem de observador único, com o intuito de explorar e capturar seus cantos e encantos. O trânsito pelas ruas se torna a maior sensibilidade do corpo, percebemos nuances e enquadramentos, em que o olhar é o maior órgão para se encontrar estes detalhes. Ambos se movem pela paixão de observar o inesperado e buscar a beleza improvável da cidade e seu caos urbano. O fotógrafo tem uma missão direcionada, não deixa-se levar pelas ruas e pelas surpresas que elas oferecem, enquanto o flâneur caminha pela cidade sem uma finalidade específica. Assim, proponho momentaneamente, que o olho maquinal



do fotógrafo junto com a sua câmera, que congela momentos e as transforma em imagens, se une ao caminhar descompromissado do flâneur. Este fotógrafo flâneur, ou seja, aquele que combina as características de ambas personalidades, abraça a dualidade visual e o olhar desses seres que transitam pela cidade. O fotógrafo flâneur adota a atitude contemplativa do flâneur em que se aventura pelas ruas, mas ao mesmo tempo, mantém um olhar analítico das miudezas urbanas, busca as melhores histórias e recria suas fotografias de uma cidade quase fantástica.

O OLHAR DE SEU ZE PILINTRA: A ENCRUZILHADA FOTOGRAFICA

Para tratar do olhar fotográfico sobre a cidade, trago o personagem lendário carioca pertencente da malandragem histórica e reconhecido tradicionalmente como mestre das ruas, Seu Zé Pilintra. Seu Zé Pilintra é uma entidade da falange dos malandros, um dos mais conhecidos por sua popularidade, é visto como uma figura carismática e misteriosa, um malandro sagaz, conhecedor da capoeira, do jogo e do carteadado. Sua manifestação parte tanto da chamada linha da direita e quanto da linha da esquerda. Seu trânsito entre elas, evidencia-o como um protetor dos marginalizados e dos párias da cidade. Seu Zé, chamarei ele por respeito a sua presença como entidade da Umbanda, é conhecedor das ervas populares da religião do Catimbó, sendo esta a sua referência direta à linha da direita. Na linha de esquerda, onde se configura como um exu catiço ou da falange dos exus, consente aos trabalhos maliciosos sendo, a prática da proteção a sua maior força. Quando representado em esculturas e imagens vendidas nas lojas de artigos religiosos, é retratado como um homem elegante, vestido com terno branco, chapéu e um cigarro na boca, por vezes podemos estar com uma bengala na mão ou um copo com alguma bebida destilada.

Seu Zé representa a astúcia, a sagacidade e a liberdade de espírito unido à proteção e sabedoria dos mais velhos que olham sempre por seus filhos. Seu Zé Pilintra é um personagem que transcende o plano terreno e se conecta ao sagrado e ao místico. Visto também como um guia, um protetor e um conselheiro para aqueles que buscam sua ajuda. Essa dualidade entre o sagrado e o profano, o bem e o mal, é uma constante no dia-a-dia da cidade e na própria natureza humana. Ele é considerado um Exú, uma entidade espiritual cultuada em religiões de matriz

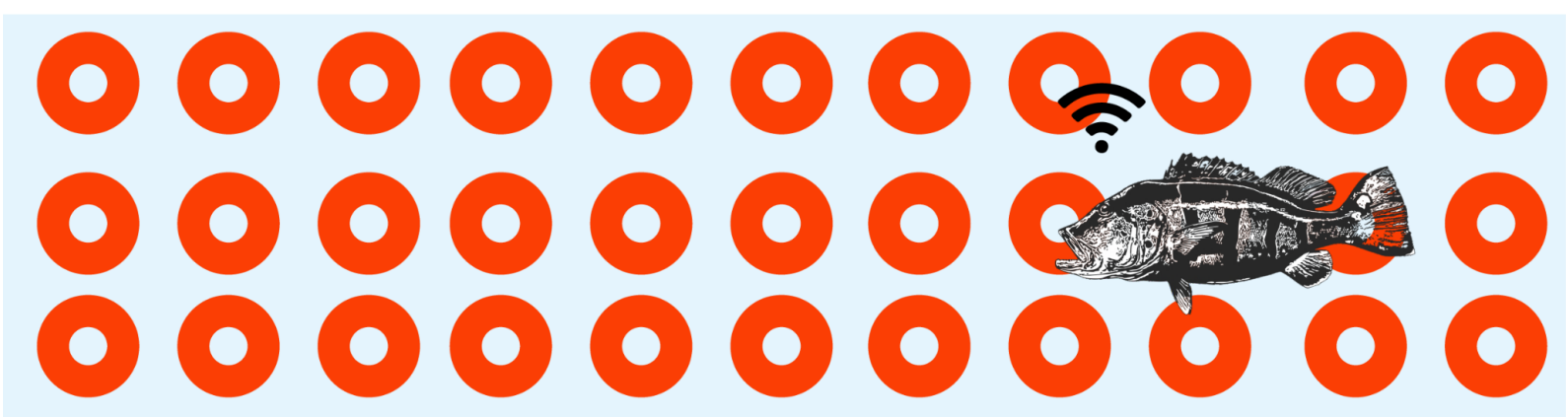


africana, em sua essência ele representa a força do povo, a marginalidade social e a figura dos malandros que utilizam sua sabedoria para lidar com as adversidades da vida urbana imposta por questões raciais e estruturais. Partimos deste referencial carioca para propor o encontro entre o olhar do fotógrafo, do flâneur e de Seu Zé para observar a cidade.

Uma união que busca pela contemplação das ruas com a astúcia e a liberdade de espírito de um encantado. Seu Zé, ao caminhar pelas ruas, abre-se para as experiências urbanas e permite que o inesperado o conduza. Se joga na ginga para encontrar a beleza nos cantos mais improváveis, transita entre os mundos visíveis e invisíveis, olha com cuidado o espírito da vida nas ruas marginalizadas. Distingue-se do flâneur que apenas observa as pessoas, as cenas cotidianas, os pequenos gestos e as nuances que compõem o tecido urbano sem um filtro devido sobre sua investigação. Seu Zé se conecta com o ambiente e absorve a energia da cidade. Sugiro analisar o olhar de ambos, uma parte como se Seu Zé, ao se apresentar ao flâneur, trouxesse consigo um convite para enxergar além do óbvio, para perceber nos cantos marginais as miudezas da vida. Ao relacionar o olhar da câmera de um fotógrafo, que se protege através de lente, em similitude ao chapéu de Seu Zé que esconde seu olhar sem indicar onde está seu objeto de desejo. Esse encontro entre estas três figuras da cidade deve ser interpretado como uma reflexão sobre a nossa relação em contemplar as realidades presentes na sociedade. Nosso cuidado parte de como as imagens evocam representações evidentes antes não vistas. Em que,

“As imagens foram a princípio feitas para evocar as aparências de algo ausente. Aos poucos foi se tornando evidente que uma imagem podia ultrapassar em duração aquilo que ela representava: mostrava, então, como uma coisa ou alguém havia antes se parecido - e assim, por implicação, como um assunto fora antes visto por outras pessoas.” (BERGER, 2023, p.12)

Seu Zé Pilintra, como figura que representa a malandragem e a esperteza, personifica os aspectos para encontrarmos inspiração para explorações fotográficas das ruas. Este ente sagrado desperta no flâneur uma nova perspectiva sobre a cidade, de que, mesmo no ambiente urbano caótico e desafiador, existe uma sabedoria ancestral e negra que pode nos guiar e nos ajudar a compreender os caminhos e descaminhos da vida. Se propor a compor uma nova perspectiva de cidade é dar lugar a fotografias, escritos ou outras formas de expressão artística que capturam a

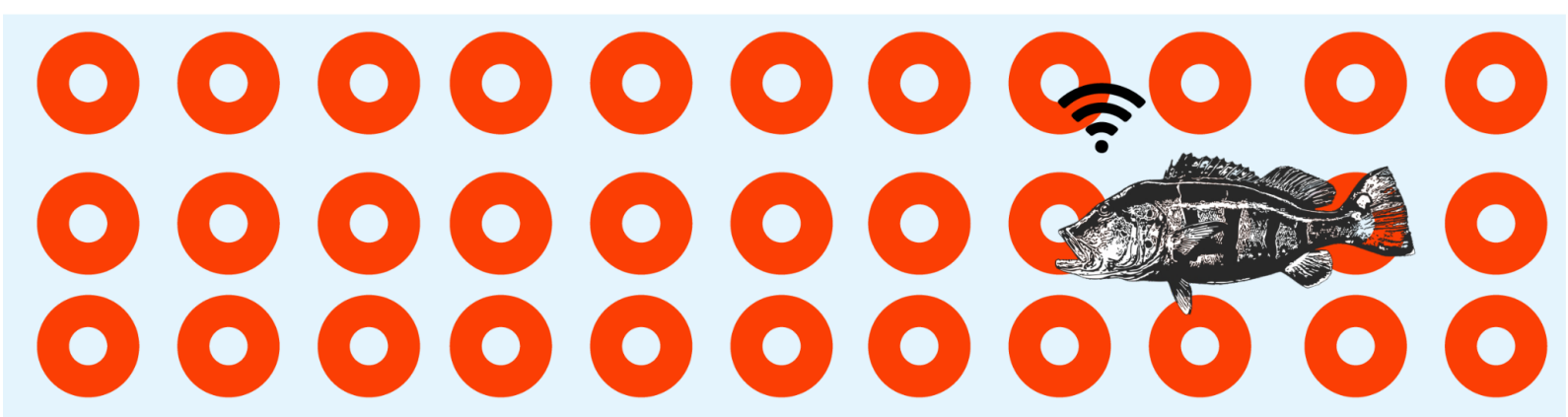


essência de uma cidade marginalizada, destaco o Rio de Janeiro como modelo, revelando suas múltiplas camadas e evocando emoções do povo exilado do centro.

Em última análise, o encontro entre o flâneur baudelairiano europeu e Seu Zé Pilintra carioca representa a convergência entre o considerado profano, o homem negro que foi marginalizado pelo colonizador branco, e o sagrado, europeizado e mantido como parâmetro religioso e construtivo sobre o que é uma cidade europeia. Este olhar fotográfico pilíntrico capacita um respeito sobre as culturas negras que sobreviveram no Rio de Janeiro. É capaz de enxergar a beleza nos detalhes mais simples do cotidiano, nas ruas movimentadas com referências familiares periféricas, nas expressões dos rostos marcados por uma dor histórica.

O olhar fotográfico pilíntrico de cidade compreende que cada imagem tem o poder de transmitir histórias antes não registradas, de documentar a vida e de eternizar instantes que foram apagadas com o tempo. Este olhar transcende as limitações da câmera e adentra o domínio da intuição e da vista por debaixo do chapéu Panamá. Ele entende que a fotografia não é apenas um registro técnico, mas também uma forma de capturar a alma dos detalhes, revela a humanidade que existe e compreende a importância do contexto e da narrativa na fotografia marginalizada. Um compromisso de registros na margem, que “andando pela margem, que é também encruzilhada, pois encontro da terra com o mar.”(HADDOCK-LOBO, 2020, p.183) Estas imagens passam a não ser apenas registros isolados, mas sim parte de um todo, que compõem uma história visual. Uma imagem vai além do que é visível à primeira vista, e por isso, transmite uma mensagem mais profunda. Em suma, o olhar fotográfico pilíntrico é uma fusão única entre a perspicácia e o cuidado para marcar a história de uma cidade esquecida dentro do Rio de Janeiro. Ele utiliza a sabedoria de antepassados, conhecimentos sobre a rua e suas hierarquias compreendendo o espaço e respeito pelas pessoas. Usa a fotografia como uma ferramenta para revelar a alma de quem foi apagado, sem criar uma caricatura da vida de um povo.

É na criação fotográfica pilíntrica que a narrativa rompe com as relações de poder e os discursos dominantes presentes. A proposta deste olhar de cidade marginalizada é explorar outras perspectivas e abordagens que possam desafiar essas estruturas e oferecer uma forma decolonial de criação fotográfica.

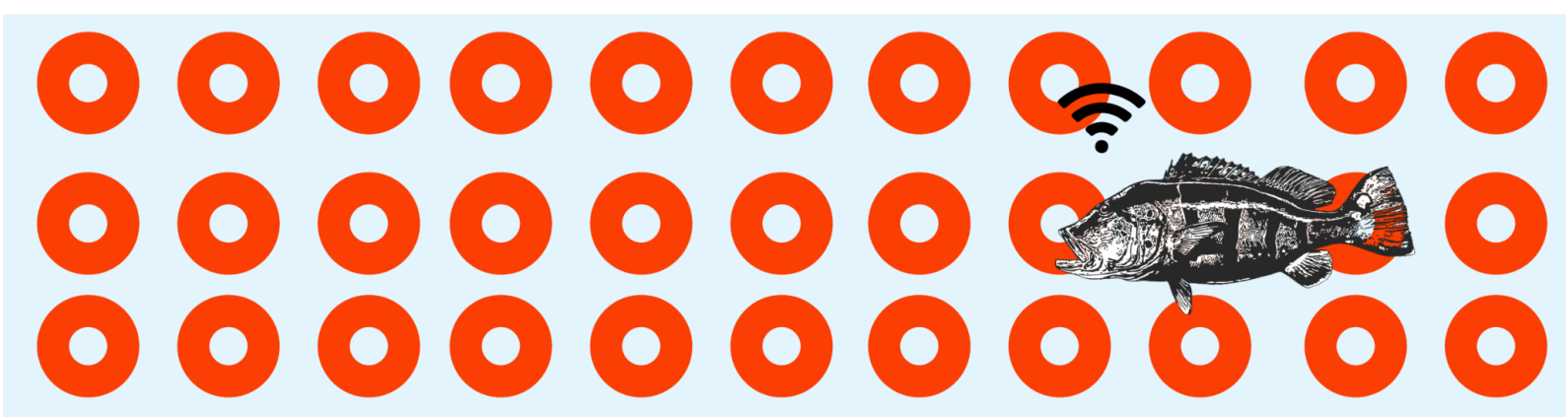


Nesse contexto, o olhar fotográfico pilíntrico emerge como uma voz alternativa do fotógrafo e do flâneur, é subversivo e capaz de romper com os paradigmas estabelecidos para contar histórias marginalizadas. Nesse sentido, transcende as limitações impostas pelas estruturas coloniais e oferece uma perspectiva alternativa, enquanto a fotografia tradicional muitas vezes reforça estereótipos e representações hegemônicas. Buscar quebrar essas amarras do olhar é capturar a diversidade cultural, a riqueza das expressões individuais e as nuances da experiência afrobrasileira. Uma forma de resistência contra a homogeneização do olhar e uma celebração das identidades que foram historicamente apagadas ou negligenciadas. Através deste seu olhar decolonial, a figura de Seu Zé desafia a ideia de hierarquias estabelecidas e dá voz àqueles que foram silenciados no passado. A cidade, agora reimaginada, apresenta histórias subalternas, questiona as representações dominantes e busca equilibrar as relações de poder presentes na criação fotográfica. Documentar rituais, manifestações culturais e expressões de resistência que foram suprimidas pela colonização, resgatam e revalorizam tradições culturais marginais e afrobrasileiras.

Ele é uma forma de ativismo visual, uma ferramenta para descolonizar a narrativa fotográfica e desafiar os sistemas de opressão existentes nas imagens de cidade. Seu olhar nos convida a questionar as estruturas dominantes, a valorizar as vozes e as perspectivas subalternas e a reimaginar a criação fotográfica como uma plataforma para uma reparação visual da sabedoria do olhar de um povo. Em um mundo onde as narrativas visuais são muitas vezes moldadas por um olhar hegemônico e colonizador, o olhar fotográfico pilíntrico de cidade surge como um lembrete poderoso de que há outras formas de ver a cidade, de contar e de representar a história das pessoas. A proposta é redefinir nossas abordagens fotográficas, abraçar a diversidade nas miudezas e a abrir espaço para novos olhares dos cantos que inspiram mudanças significativas em nossa perspectiva de cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O olhar fotográfico pilíntrico descoloniza a câmera, desafia as estruturas e abre espaço para vozes e perspectivas marginalizadas sobre a cidade. Seu olhar fotográfico oferece uma



alternativa mais justa com a história de párias e marginais à visão eurocêntrica urbana e demonstra como o poder da fotografia serve de ferramenta para uma resistência cultural. Em última análise, o olhar fotográfico pilíntrico, em sintonia com os princípios da descolonização, convida-nos a repensar as práticas fotográficas convencionais, a questionar as narrativas hegemônicas de cidade e a adotar uma abordagem mais criativa, onde podemos olhar para a nossa cidade através das frestas de um chapéu Panamá.

REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. *A câmara clara: notas sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BAUDELAIRE, Charles. *O pintor da vida moderna*. In: *A modernidade de Baudelaire*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989. Obras escolhidas, v.3.
- BERGER, John. *Modos de ver*. Fósforo, 2023.
- FLUSSER, Vilém. *O universo das imagens técnicas: elogio da superficialidade*. São Paulo: Annablume, 2008.
- HADDOCK-LOBO, Rafael. Ogum Beira-Mar na encruzilhada do Brasil. In: SIMAS, Luiz Antônio; RUFINO, Luiz; HADDOCK-LOBO, Rafael. *Arruaças: uma filosofia popular brasileira*. Bazar do Tempo Produções e Empreendimentos Culturais LTDA, 2020. p.183-187.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. DP&A Editora, Rio de Janeiro, 2006.
- SONTAG, Susan. *Ensaio sobre a fotografia*. São Paulo: Arbor, 1985.
- SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Como citar este texto:

ROCHA, Aldene. Da cidade fraturada à cidade imaginada. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ARTE, CIÊNCIA E TECNOLOGIA e SEMINÁRIO DE ARTES DIGITAIS, 8, 2023, Belo Horizonte. *Anais do 8º Congresso Internacional de Arte, Ciência e Tecnologia e Seminário de Artes Digitais 2023*. Belo Horizonte: Labfront/UEMG, 2023. ISSN: 2674-7847. p.1-9.